

MENINO DE ENGENHO: REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE(S) NORDESTINA

Maria Thaize dos Ramos Lira*

O intuito deste artigo é problematizar a obra *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego (1901-1957) na expectativa de compreender a representação e a identidade nordestina a partir da ótica de um “menino de engenho” que percebe os traços característicos de sua região se desestruturar com a decadência da sociedade patriarcal, juntamente com os engenhos nordestinos e a ascensão da usina. A produção literária de José Lins do Rego tem sido analisada por vários intelectuais. Dentre os quais farei menção a José Aderaldo Castello (1961) que analisou a formação literária de José Lins, e Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2006) que coloca a produção artística de José Lins do Rego, assim como de outros artistas, escritores, cantores, pintores como uma construção para dar visibilidade e dizibilidade à “invenção”¹ do Nordeste.

Para problematizar a obra de José Lins do Rego é necessário ter o auxílio de dois conceitos, o de representação proposto por Roger Chartier (1990) e o de identidade por Stuart Hall (2006). Chartier, em sua obra intitulada *A História Cultural: entre práticas e representações*, afirma que o ato de representar é “descrever a sociedade tal como pensam que é, ou como gostariam que ela fosse” (CHARTIER, 1990: 19). O que leva a crer então que, quando Lins do Rego escreveu seus romances, ele estava narrando os acontecimentos a partir da rememoração de suas vivências no interior dos engenhos nordestinos da forma como ele gostaria que fosse, e que estes estavam imbuídos de espontaneidade.

Hall, em obra intitulada *A identidade cultural na pós-modernidade*, vai estabelecer discussões acerca da crise de identidade em que se encontra o sujeito pós-moderno, colocando três concepções da identidade do sujeito, a saber: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Hall estabelece que o foco de sua obra é o “jogo de identidades”, “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL,

*Aluna do Curso de Licenciatura em História, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Campus de Cajazeiras, PB. E-mail: thaize_ramosjp@hotmail.com.

¹A respeito do termo “invenção” do Nordeste ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2 ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco Massangana; São Paulo: Cortez. 2006.

2006: 21). No caso das obras de Lins do Rego, os personagens vão ganhar as características de um povo acostumado com o tradicional, com as relações patriarcais, com a submissão ao senhor de engenho, com a seca, com o fanatismo religioso, com a figura dos cangaceiros.

O Nordeste, quando surge no cenário nacional por volta do século XX, aparece como uma região marcadamente afetada pela seca, com a propagação de idéias por parte de políticos e intelectuais que tomavam a região como um lugar que precisava de constantes “injeções econômicas” para que pudesse sustentar-se socialmente. Na década de 1920 surgem o movimento Modernista e o Movimento Regionalista com a intenção de dar uma nova roupagem à escrita brasileira com intuito de demonstrar formas de se “ver” e “dizer” a história do Brasil e da região Nordeste respectivamente.

O romance de 1930 surge como uma forma de os escritores e intelectuais de suas respectivas regiões narrar o que de mais característico elas apresentavam. O Nordeste era comumente caracterizado pelas pessoas que ali residiam e pelas pessoas de outras regiões como um

Nordeste onde nem paisagem se tem, onde nem se chega a ter campo com sua paisagem idílica. Um lugar igual à Terra Santa, onde homens rijos, ascéticos, tostados se concentram em torno de pequenas ilhas de água cercadas de terra de todos os lados. Terra de ninguém dos retirantes, um Nordeste tecido de flagelos, de miséria de fios seca, de cangaço, misticismo e prepotência (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006: 117).

Os escritores nordestinos vão estabelecer representações sobre o que é a região Nordeste e o que é ser nordestino na intenção de desmistificar as premissas que até então lhes eram atribuídas. Com esse intuito teremos os romancistas José Américo de Almeida, Raquel de Queiróz, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Vale frisar que, pelo fato de fazer parte da elite agrária nordestina, não tiveram problemas econômicos graves, o que não vai impedir que suas obras tenham um caráter de denúncia social. O romance de 1930 poderia ser então sintetizado “como a valorização da narrativa que toma a seu cargo denunciar as problemáticas condições de vida do homem brasileiro e seus estigmas”. (HELENA *apud* SILVA e ARAÚJO)

O romancista José Lins do Rego natural de Pilar - PB, muito jovem perdeu a mãe, tendo sido criado por uma tia no engenho de seu avô materno, o coronel José Lins. Após ter estudado na Paraíba, José Lins do Rego vai para Recife onde cursa a Faculdade de Direito, local de bastante influência na época, pois lá estudava os filhos dos senhores de engenho e de boas condições econômicas, o que vai contribuir para a construção de sua identidade de romancista. As suas obras têm sido analisadas em seus diversos aspectos: a decadência dos

engenhos nordestinos; o tom memorialístico da narrativa; a espontaneidade com que escreve, dentre outras, estas são as características mais nítidas das obras de José Lins. A sua formação enquanto romancista se deu em meio a um ambiente de disputas pelo espaço literário nacional.

As obras de José Lins foram classificadas por ele e pela crítica literária em ciclos. Segundo Castello (1961), estaria assim dividido em o “Ciclo da cana-de-açúcar”, o “Ciclo do cangaço, misticismo e seca” e as Obras independentes. Desta forma farei uso da obra *Menino de Engenho* que, seguindo a cronologia, é a primeira obra do “Ciclo da cana -de -açúcar”². A respeito dessas obras José Lins fez a seguinte colocação:

A história desses livros é bem simples: – comecei querendo que fossem umas memórias que fossem de todos os meninos criados nos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço da vida que eu queria contar. Sucede, porém, que um romancista é muitas vezes o instrumento apenas de forças que se acham escondidas no seu interior. (REGO apud CASTELLO, 1961: 120).

Menino de Engenho publicada em 1932 vai ser a obra para a análise da representação e da identidade nordestina. Castello (1961) diz a respeito que:

Ao iniciar a elaboração do romance *Menino de Engenho*, José Lins do Rego não pensava em fazê-lo. Desejava como ele mesmo confessou traçar a biografia de seu avô, o velho José Lins, que era para ele o tipo representativo de senhor de engenho, expressão legítima do patriarcalismo rural da região açucareira do nordeste. Ou então, imaginou escrever um romance, cujo primeiro capítulo fixaria a experiência da infância. (CASTELLO, 1961: 122)

O que torna a narrativa um meio de não deixar que se esqueça do papel desempenhado pelo senhor de engenho na sociedade nordestina. O cenário do romance é o interior paraibano, o engenho Santa Rosa. No primeiro capítulo, o narrador-personagem inicia contando sobre a morte de sua mãe assassinada pelo seu pai, pessoas que ele tanto amava, mas que a partir dessa “tragédia” (é assim que ele define a situação) sua vida seguirá outro rumo. Pois, a partir desse acontecimento, vai sair da cidade para ir morar no engenho com seu avô materno, o coronel José Paulino. É interessante o fato da admiração com que descreve os primeiros momentos da viagem em direção ao engenho na companhia de seu tio Juca:

² As obras que compõem o “Ciclo da cana-de-açúcar” são *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangue* (1934), *Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936) e a obra síntese *Fogo Morto* (1943).

O trem era para mim uma novidade. Eu ficava na janelinha do vagão a olhar os matos correndo, os postes do telégrafo, e os fios baixando e subindo. Quando chegava numa estação, ainda mais se aguçava a minha curiosidade. Passavam meninos com roletes de cana e bolos de goma, e uma gente apressada a dar e a receber recados. E uma porção de pobres a receber esmolas. [...] E na primeira parada deixamos o trem, com grande saudade para mim. Na estação estava um pretinho com um cavalo, trazendo umas esporas, um reboque e um pano branco. O meu tio estendeu o pano branco na anca do animal, montou e o pretinho me sacudiu para a garupa. Era o meu primeiro ensaio de equitação. (REGO, 1974: 8)

Podemos perceber um ar de curiosidade e saudade, pois sabia o menino que talvez não visse mais aquele mundo onde passou os primeiros anos de sua vida. O encanto com a paisagem trazia a presença das primeiras representações daquele local e das pessoas que o habitavam: os “pobres a receber esmolas”, o narrador faz uso do termo “pretinho” como forma de designar o negro que trazia o cavalo.

No decorrer da sua chegada à Santa Rosa, o menino é levado para conhecer as pessoas que passariam a ser a sua família: o avô, a tia Maria, as negras da cozinha, a tia Galdina, os meninos da bagaceira, e aos poucos foi se tornando conhecido por todos os escravos do seu avô. O modo de ver e de sentir as coisas mudaria: os banhos de rio, as tardes de brincadeiras em companhia dos moleques, as refeições na casa grande, as visitas às propriedades do avô, a vivência com os escravos, pois o menino que até então morava na cidade passa agora a viver com os ares do engenho.

Com o decorrer do tempo foi se acostumando a vida no engenho. Com a convivência com uns primos que vieram visitar a família e a proximidade a prima Lili que depois veio a falecer, era o início das sucessivas perdas na vida de Carlinhos. A liberdade que tinha de percorrer os pormenores do engenho foi uma das primeiras perdas. Os cuidados da Tia Maria aumentaram, pois para ela, Carlinhos não estava preparado para acompanhar o ritmo da vida nos meninos da bagaceira. E no decorrer da narrativa a Tia Maria representa o papel de sua mãe, pessoa que com o decorrer da narrativa vai simbolizar mais uma perda, pois ela vai se casar e se afastar da vida no engenho Santa Rosa, fato que vai causar um sentimento de saudade, um ar de insegurança no menino, de abandonado pela segunda vez, a primeira vez foi por sua mãe.

As mulheres aparecem na narrativa de José Lins sob o olhar masculino, elas tinham o seu espaço reservado na casa-grande, eram elas as responsáveis pelo comando das tarefas

domésticas, mas as decisões sempre eram tomadas por José Paulino. É interessante quando o menino fala da Tia Sinhazinha, que era pessoa de idade avançada, que na juventude foi abandonada pelo marido por causa da sua personalidade, marcadamente, forte. Era ela quem exercia a coordenação das atividades da casa-grande, “como um tirano [...] As pobres negras e os moleques sofriam dessa criatura uma servidão dura e cruel [...] Vivia a resmungar. A encontrar poeira nos móveis, furtos em coisas da despensa, para pretexto de suas pancadas nas crias da casa”. (REGO, 1974:15)

No engenho as relações sociais se davam por meio do patriarcalismo, ou seja, entre o senhor de engenho e o escravo. Onde havia uma forte manutenção dos ideais de dominação de um perante o outro. No romance *Carlinhos* faz a descrição de seu avô da seguinte forma:

Meu avô me levava sempre em suas visitas de corregedor às terras de seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto a canto, entrar pelas suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem. Andávamos muito nessas visitas de patriarca. [...] Acudia sempre uma mulher de cara de necessidade: a pobre mulher que paria os seus muitos filhos em cama de vara e criava-os até grandes com o leite de seus úberes de mochila. (REGO, 1974: p.36)

Podemos perceber através desse trecho que o menino apresenta seu avô como sendo um homem poderoso, alguém a quem as pessoas deviam respeito, pois na hora da “precisão” era a quem recorriam. Mesmo com a abolição muitos não deixaram os contornos do engenho, geralmente devido ao “desejo” de continuar servindo ao senhor. Muitos viviam na senzala, especialmente “as negras do meu avô” como eram chamadas por *Carlinhos*. A utopia de Lins do Rego, segundo Albuquerque Júnior, seria a “volta ao passado que era indisfarçável nostalgia de uma sociedade hierarquicamente dividida entre senhores e escravos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001: 131)

É através das visitas na senzala que *Carlinhos* começa a ser estimulado ao sexo, nas suas conversas com os meninos, com os empregados do engenho, com a percepção de que as mulheres do engenho, mesmo sem marido, de repente apareciam com as barrigas enormes, “perpetuando a espécie sem providência e sem medo. Os moleques dormiam nas redes fedorentas; o quarto todo cheirava horivelmente a mictório. [...] Mas era ali onde estávamos satisfeitos, como se ocupássemos aposentos de luxo” (REGO, 1974: 56).

É como se aquela situação em que vivesse os empregados de seu avô fosse satisfatória, como se não necessitasse de melhorias, pois apesar das condições de higiene, havia a convivência com os que ali habitavam e

os costumes de ver todo dia essa gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos. (REGO, 1974: 88)

Assim podemos vislumbrar que a relação social para Carlinhos, era fato concedido por Deus. O que leva perceber também o fator da saudade, pois com a ascensão da usina, esta forma de viver mudaria, as pessoas passariam a receber pelo seu serviço, muitas vezes sem nem conhecer o dono das terras onde trabalhavam.

A senzala aparece como o local de primeiro estímulo ao sexo, com as conversas, “no contato libidinoso com os moleques da bagaceira” (REGO, 1974: 57). O início sexual ocorreu com a negra Luísa que, segundo o menino, serviu de comparsa para as suas perversões antecipadas. Era ela quem “ia me botar para dormir, e enquanto ficávamos sozinhos no quarto, arrastava-me a coisas ignóbeis. Eu era um menino sem contato com o catecismo. Pouco sabia das rezas. E esta ausência perigosa da religião me levava a temer os pecados”. (REGO, 1974: 103).

O pecado de se envolver tão jovem com as mulheres (Zefa Cajá, por exemplo) acarretou uma série de conseqüências, pois seu sistema imunológico não estava preparado para se defender das “moléstias do mundo”, o que no desenrolar dos fatos faz com que seu avô decida que já estava na hora de mandá-lo para um colégio. Era necessário que o seu neto tivesse uma boa qualidade de estudo, um curso de bacharel, para dar sucessão ao engenho da cana-de-açúcar.

Quando sai de casa, o velho José Paulino me disse: - Não vá perder seu tempo. Estude que não se arrepende. Eu não sabia de nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompéia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: Era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio. Menino perdido, menino de engenho. (REGO, 1974: 122)

A maneira como a identidade dos nordestinos é apresentada em José Lins pode ser explicada pelo fato de o seu romance *Menino de Engenho* estar voltado para a escrita das lembranças dele sobre o avô, o coronel José Lins, que assume na obra o personagem José Paulino. A questão da identidade nas obras de Lins do Rego pode ser percebida a partir do momento em que se busca o resgate de um espaço tido até então como referente, como forma de não permitir que ele se esvaia da memória e da história dos nordestinos, e para que isso ocorra, José Lins do Rego vai estabelecer sua narrativa quase sempre sem diálogo, tornando o que escreve como analisado e visto apenas em uma única ótica a do narrador.

A identidade nordestina em Lins do Rego é colocada como a prolongação dos aspectos da sociedade canavieira, de uma população submissa às ordens do senhor de engenho e que está em vias de extinguir-se sócio-economicamente. O que também vai contribuir para que seus escritos com essa vontade de não deixar que se esqueça das tradições nordestinas, assuma certo tom de saudade.

O fato de José Lins estar ligado ao movimento Regionalista e Tradicionalista, assim como a influência de Gilberto Freyre, vai contribuir para que em sua obra estabeleça um laço dos personagens com profundo apego ao tradicional, com a manutenção do eterno. A vida na bagaceira passaria a ser também a sua, porém com um modo diferente, pois ele era o neto do coronel e como tal devia ser tratado como um ser superior, fato que permeia toda a sua obra, pois é “a partir da varanda da casa-grande, como fazia seu avô, que ele olha para “a sua terra”, para o Nordeste” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006: 82).

O ficcional e o real se mesclam na narrativa, estabelecendo elos memorialísticos com a juventude no decorrer de seus escritos. Ao longo da narrativa, podemos perceber que o menino é guiado ideal de macheza, que o circunda durante os momentos em que estabelece os primeiros contatos com o mundo da sexualidade. As mulheres são representadas como sendo pessoas passivas, seja na casa-grande ou na senzala, subjugadas à vontade do senhor de engenho.

Em suma, a representação e a identidade nordestina aparecem em *Menino de Engenho* como um desejo de que o mundo no qual passou sua juventude seja um mundo de eterna saudade, de manutenção das tradições, nas quais os laços patriarcais não se percam. Pois, foi naquele Nordeste onde passou a sua juventude que estabeleceu contato com o mundo agrário,

e junto com ele todas as aventuras com os meninos da bagaceira. O nordestino em José Lins do Rego não deixa de ser uma pessoa que depende de um senhor de engenho para poder trabalhar. As condições de vida das pessoas no engenho, mesmo não sendo as melhores, eram consideradas pelo menino como justas, tendo em vista que pertenciam a classes sociais distintas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife, Fundação Joaquim Nabuco Massangana; São Paulo: Cortez. 2001.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

REGO, José Lins do Rego. **Menino de Engenho**. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.

SILVA, Maria Gomes da; ARAÚJO, Amilton José. **O modernismo heróico doa anos 20 e o regionalismo dos anos 30**. Disponível em <http://www.seara.uneb.br/sumario/alunos/marisagomeseamiltonjose.pdf>. Acesso em 30/09/2011